

A contribuição das narrativas autobiográficas para as discussões sobre formação docente

*Andrecksa Viana Oliveira Sampaio**

*Nereida Maria Santos Mafra De Benedictis***

*Luciana Amorim de Oliveira****

*Vilomar Sandes Sampaio*****

Resumo

Este trabalho tem como finalidade apresentar as análises e perspectivas nas discussões sobre a formação docente por meio das narrativas autobiográficas, partindo do pressuposto de que a memória possibilita a construção e reconstrução, nos professores, dos significados de suas experiências, provocando mudanças em suas práticas docentes, levando-os a compreender mais a si próprios e aos outros sujeitos envolvidos no processo de ensino. A abordagem sobre narrativas autobiográficas abrange uma orientação teórico-metodológica bastante fértil no campo das ciências sociais e humanas. Nesse contexto, as memórias individuais e coletivas podem ser utilizadas na pesquisa em educação como parte do processo de produção de conhecimento relativo à formação docente.

Palavras-chave: Formação docente. Memórias. Narrativas autobiográficas.

* Professora Doutora da área de Ensino do Departamento de Geografia e membro da Linha de Pesquisa Educação, Epistemologias e Processo de Ensino e Aprendizagem do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. E-mail: viladea@yahoo.com.br

** Professora Doutora da área de Ensino do Departamento de Geografia e membro da Linha de Pesquisa Educação, Epistemologias e Processo de Ensino e Aprendizagem do Programa de Pós Graduação em Educação a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. E-mail: nereidamafrabenedictis@gmail.com

*** Licenciada em Geografia e discente do Programa de Pós Graduação em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB E-mail: oamorim.luciana@gmail.com

**** Professor Doutor da área de Geografia Regional do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: viladea@gmail.com

The contribution of biographical narratives for discussions about teacher education

La contribución de las narrativas autobiográficas para las discusiones sobre formación docente

Abstract

The goal of this work is to present the analysis and perspectives in the discussions teacher academic formation through the autobiographical narratives, considering that the memory enables the construction and reconstruction, in the teachers, of the meanings of their experiences, which leads to a change on their education practices , making them to comprehend more themselves and the others who are involved in the teaching process. The approaches about the autobiographical narratives embrace theoretical-methodological orientation very fruitful on the social and human sciences. On this context, the individual and collective memories can be used on the research on the education as a part of the production of knowledge process concerning the teacher academic formation.

Keywords: Teacher academic formation; Memories; Autobiographical narrative.

Resumen

Este trabajo tiene como finalidad presentar los análisis y perspectivas en las discusiones sobre la formación docente por medio de las narrativas autobiográficas, a partir del presupuesto de que la memoria posibilita la construcción y reconstrucción, en los profesores, de los significados de sus experiencias, y que así ha provocado cambios en sus prácticas docentes llevándolos a comprender más a sí mismos y a los demás sujetos involucrados en el proceso de enseñanza. El abordaje sobre narrativas autobiográficas abarca una orientación teórico- metodológico bastante fértil en el campo de las ciencias sociales y humanas. En este contexto, las memorias individuales y colectivas pueden ser utilizadas en la pesquisa en educación como parte del proceso de producción de conocimiento relativo a la formación docente.

Palabras clave: Formación docente. Memorias. Narrativas autobiográficas.

1. Introdução

O debate sobre a formação de professores não é uma temática inerente a contemporaneidade, ao longo dos anos tem se intensificado devido aos diferentes temas que submergem o contexto da educação brasileira, se configurando como um desafio, para novas reflexões acerca dessa temática. É nesse meandro que a busca pelas narrativas de professores se estabelece no processo de formação docente como um importante recurso para o conhecimento sobre a identidade dos professores e sua prática.

Nesse sentido, o trabalho aqui esboçado, sobre o estudo da formação de professores, apresenta o uso das narrativas autobiográficas como uma opção metodológica no processo de discussão sobre a formação de professores. Segundo Ochoa (2005), a memória biográfica é pautada nas experiências pessoais, que foram vivenciadas em um determinado contexto. Assim, a metodologia adotada possibilitou o desvendar dos diversos significados que constituem a identidade docente.

A formação surge dos processos formativos que partem da possibilidade de reflexão tanto de quem ensina como de quem aprende. García (1999), apresenta que para que ocorra o desenvolvimento da formação docente é necessário especificar e compreender os princípios subjacentes ao seu processo. Nesse sentido, García afirma:

Sabemos, entretanto, que é preciso refletir um pouco mais sobre o conceito de formação de professores com o intuito de melhor entender os seus desdobramentos no âmbito do que se passa nas instituições formadoras e nas escolas campo das práticas pedagógicas fruto dessa formação (GARCÍA, 1999, p.21).

No contexto dos cursos de formação de professores a noção de prática pedagógica está relacionada a ideia representada pela ação ou pelo fazer cotidiano na educação.

No Brasil, a preocupação com a formação de professores urgiu pela necessidade de instrução da população e pela busca de assegurar bases para uma nova sociedade pautada no contexto desenvolvimentista. A partir desse mo-

mento, surge um novo modo de pensar as questões pedagógicas, relacionando-as às transformações ocorridas na sociedade brasileira no que diz respeito aos aspectos sociais e econômicos.

A evidência dessa preocupação se deu desde a promulgação da Lei das Escolas de Primeiras Letras. Em 1834, com a promulgação do Ato Adicional que definiu a instrução primária, como responsabilidade das províncias, foram criadas as Escolas Normal, seguindo o modelo europeu para a formação de professores. Nessas escolas, preconizava uma formação específica, que deveria guiar-se pelas coordenadas pedagógico-didáticas. Contudo, conforme Saviani (2005), esses professores estudavam somente conteúdos que iriam trabalhar nas escolas primárias, desconsiderando o preparo didático-pedagógico.

Com as transformações ocorridas no mundo e no Brasil em decorrência do capitalismo no século XX e início do século XXI, sejam elas, econômicas, políticas, culturais e sociais surgem também novas necessidades, por conta dos avanços das ciências e tecnologias aplicadas a produção, comercialização e distribuição de bens de consumo, entre outros. Foi nesse cenário, que se abriu um leque de novas necessidades de mercado e isso fez com que o estado se movesse no intuito de prover uma mão de obra melhor qualificada, para suprir as necessidades de um mercado de trabalho mais competitivo. Nesse contexto, se fez necessário a qualificação de novos profissionais da área, ou seja, tanto para os formados, quanto para os novos professores, apenas o magistério não era mais suficiente para atender as novas expectativas (CARVALHO 2006).

As mudanças feitas no processo de formação de professores demonstram, ao longo dos anos, intermitências que perduram até os dias atuais, como afirma Saviani:

O processo de formação docente revela um quadro de descontinuidade, embora sem rupturas. A questão pedagógica, de início ausente, vai penetrando lentamente até ocupar posição central nos ensaios de reformas da década de 1930. Mas não encontrou até hoje um encaminhamento satisfatório (SAVIANI, 2009, p. 148).

Nesse sentido, a discussão no entorno da formação docente envolve diversas opiniões, entre elas a de que as propostas permanecem atreladas às questões da sociedade, prontas para atender as exigências do capitalismo dentro dos moldes internacionais. Sobre isso, Castro e Lauande reconhecem:

[...] a elevação do nível de formação dos professores é uma das metas a ser perseguida por todos os países, uma vez que as necessidades da sociedade de informação se intensificam. Os estudantes não só devem aprender o que se conhece hoje, mas também têm de atualizar permanentemente seus conhecimentos. Nesse cenário, o professor passou a ser visto como fundamental para o sucesso ou fracasso dos processos educacionais, e sua formação passou a ter como finalidade contribuir para a preparação de cidadãos aptos a conviver e trabalhar na complexidade da vida cotidiana. (CASTRO, LAUANDE, 2009, p. 152)

Essa realidade aponta para uma política educacional que reconhece que a formação docente é ponto crucial para o desenvolvimento das políticas públicas implementadas no Brasil. Assim, diversas pesquisas vem sendo realizadas no meio acadêmico, como a valorização da educação e do docente, currículo, projeto político pedagógico, dentre outros, e contribuem para a valorização do magistério, buscando novos enfoques e paradigmas na compreensão da prática docente, fortalecendo a importância do papel do professor e o seu reconhecimento como sujeito fundamental no processo educacional, demonstrando as exigências e cuidados inerentes ao seu ofício, bem como a sua formação.

Na década de 1980, enfatizou-se sobre a importância do professor enquanto pessoa, analisando os mais variados elementos que influenciam em sua formação docente. Na obra, intitulada "O professor é uma pessoa" de Ada Abraham, foi considerada, por diversos autores, como fundamental para a consolidação de um novo olhar acerca da formação docente. Segundo Nóvoa (1992), a partir desse momento, passou-se a conceber o professor em uma dimensão humana, além de reconhecer a influência dos diversos elementos sociais, na construção da identidade e formação profissional do educador. E ainda:

[...] a literatura pedagógica foi invadida por obras e estudos sobre a vida dos professores, as carreiras e os percursos profissionais, as biografias e autobiografias docentes ou o desenvolvimento pessoal dos professores (NÓVOA, 1992, p. 15).

Entendendo que a subjetividade é imprescindível para a formação docente, Tardif (2002, p. 36) ressalta: "o professor tem de ser visto como um artesão, cuja ação é baseada na criação/criatividade, tendo como base os saberes da sua experiência". Nesse ínterim, compreende-se a formação do professor como um processo em construção de autonomia, possibilitando a edificação do conhecimento através das vivências, atos e trabalhos, uma vez que, estão imersos em estilos de vida, em culturas, em um modo de existir, e por isso não se engessam à ciência. Portanto, o fazer educacional é uma prática cultural, não sendo possível restringi-lo às técnicas, muito menos às tecnologias, mas enxergá-lo como um desenvolvimento dos processos educativos, considerando os conflitos e contradições da sociedade, com suas crenças e valores externos à escola.

Apesar disso, outras variáveis se constituíram como entaves para a formação e trabalho dos professores, pois segundo Pimenta (2002, p. 18), "o crescimento quantitativo dos sistemas de ensino não tem correspondido a um resultado formativo (qualitativo) adequado às exigências da população envolvida". Esse contexto evidencia que o currículo de formação inicial está distante da realidade das escolas, sendo necessário instigar conhecimentos que possam dar conta de estabelecer uma nova identidade do professor, "que colaborem para os processos emancipatórios da população" (PIMENTA, 2002, p.19). A autora ainda ressalta sobre o importante papel da licenciatura que é promover o desenvolvimento dos saberes docentes, a partir da construção de atitudes e valores, exigidos no cotidiano da sala de aula e afirma:

Espera-se que a licenciatura desenvolva nos alunos conhecimentos e habilidades, atitudes e valores que lhes possibilitem permanentemente irem construindo seus saberes-fazeres docentes, a partir das necessidades e desafios que o ensino como prática social lhes coloca no cotidiano (PIMENTA, 2002, p. 18).

É indiscutível como o saber pedagógico e didático são importantes para o cotidiano do professor e na construção de sua identidade. Essa construção deve facilitar os manejos que a profissão exige, possibilitando com base na leitura crítica da realidade que o docente assume atitudes com vistas a superar os desafios impostos pela profissão.

Para Gatti (2010):

[...] a melhoria da qualidade da formação desses profissionais, tão essenciais para a nação e para propiciar, nas escolas e nas salas de aula do ensino básico, melhores oportunidades formativas para as futuras gerações. Estamos assumindo que o papel da escola, e dos professores, é o de ensinar-educando, uma vez que postulamos que sem conhecimentos básicos para interpretação do mundo não há verdadeira condição de formação de valores e de exercício de cidadania (GATTI, 2010, p. 1360).

Segundo a autora, a responsabilidade sobre a formação dos professores e o desempenho do ensino não deve ser responsabilidade só sobre os docentes, mas outros fatores devem estar interligados no compromisso com a qualidade de ensino: as políticas educacionais, o financiamento público à educação básica, a estrutura das escolas, a formação dos gestores e gestão das escolas, a influência e relação da família com o aluno e a escola, as condições de trabalho e a formação inicial e continuada.

2. As narrativas autobiográficas e a formação docente

As narrativas autobiográficas vem se consolidando como um instrumento de investigação bastante fértil no campo das ciências sociais e humanas, especialmente na educação. As memórias individuais e coletivas vêm sendo utilizadas enquanto processo de produção de conhecimento relativo à formação docente. O trabalho desenvolvido permite observar uma diversidade de elementos que constituem as experiências pessoais e a profissão escolhida, os relatos sobre as vivências da sala de aula e a própria construção do conhecimento entre a teoria e a prática.

Esse tipo de pesquisa permite ainda a compreensão dos caminhos adotados, da concepção de educação, do contexto da sociedade e acima de tudo da própria trajetória de vida que foi construída, reconstruída, partilhada e apreendida. Assim, as narrativas autobiográficas, desenvolve-se como uma teorização consistente, constituindo-se como um método científico considerado no meio acadêmico (REIS, 2008)

As memórias autobiográficas, para os pesquisadores, podem revelar, segundo Brandão (2008, p. 04-05) “[...] esquecimentos, dos silêncios elaborados, ou resultado da falta de espaço de compartilhar, encontramos um rico canal de comunicação, compreensão e estímulo não só para os idosos, mas também entre os profissionais, que resgatam, relatam.

Nesse sentido, esses estudos apontam que a prática da construção e desconstrução dos significados dos professores, através das narrativas, vem evidenciando mudanças expressivas na compreensão reflexiva de suas próprias concepções, possibilitando a formação de uma consciência emancipatória, se configurando como uma alternativa eficaz para a formação docente. Cunha (1997) afirma:

[...] as narrativas provocam mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros e, por este motivo, são, também importantes estratégias formadoras de consciência numa perspectiva emancipadora. Quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida dando-lhe novos significados. Assim, a narrativa não é a verdade literal dos fatos, mas antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade (CUNHA, 1997, p.187).

Nesta perspectiva, conhecer a si próprio, compreende ainda a possibilidade de transformação do próprio ser e dos demais seres envolvidos em situações, que promovam a construção da identidade, considerada como o *iceberg* da consciência de sua própria existência e da construção do saber, como afirma Josso (2007, p. 422):

Abordar o conhecimento de si mesmo pelo viés das transformações do ser – sujeito vivente e conhecente no tempo de uma vida, através das atividades, dos contextos de vida, dos encontros, acontecimentos de sua vida pessoal e social e das situações que ele considera formadoras e muitas vezes fundadoras, é conceber a construção da identidade, ponta do iceberg da existencialidade, como um conjunto complexo de componentes. De um lado, como uma trajetória que é feita da colocação em tensão entre heranças sucessivas e novas construções e, de outro lado, feita igualmente do posicionamento em relação dialética da aquisição de conhecimentos, de saber-fazer, de saber-pensar, de saber-ser em relação com o outro, de estratégias, de valores e de comportamentos, com os novos conhecimentos, novas competências, novo saber-fazer, novos comportamentos, novos valores que são visados através do percurso educativo escolhido (JOSSO, 2007, p. 422).

Os estudos ainda apontam que a formação docente, utilizando como alternativa as narrativas, promove uma interação entre o professor e o ambiente de trabalho e os demais envolvidos no processo, visto que, construindo suas narrativas, o professor tece uma reconstrução da memória de si e do outro. Do outro que estabelece com ele a parceria no processo do conhecimento do cotidiano, das relações estabelecidas e que consolidam diversos significados.

Essas reflexões suscitam ao professor a organização de suas ideias, reconstruindo suas experiências, revendo seus conceitos, constituindo uma nova compreensão de sua prática, podendo dessa forma, transformar e aliviar um fazer pedagógico dinâmico e emancipador. E ainda:

Tomando-se distância do momento de sua produção, é possível, ao “ouvir” a si mesmo ou a “ler” seu escrito, que o produtor da narrativa seja capaz, inclusive, de ir teorizando a própria experiência. Este pode ser um processo profundamente emancipatório em que o sujeito aprende a produzir sua própria formação, autodeterminando sua trajetória (CUNHA, 1997, p. 188).

Não obstante, para que essa alternativa cause os efeitos supramencionados é necessário que o professor esteja

desnudo de quaisquer ressalvas em enfrentar com criticidade suas “verdades” analisando a si próprio e à sua postura como educador.

Ao elaborar as narrativas, o sujeito faz uma releitura das marcas que foram produzidas pelas experiências, gerando assim, novas experiências e novos significados, de forma que uma sucede a outra em processo mútuo e contínuo.

Nessa dinâmica, o método autobiográfico se constitui, dentre outros elementos, pelo uso de narrativas produzidas por solicitação de um pesquisador e pelo entrevistado, que nesse caso, interferem nas interpretações das memórias, construindo, intencionalmente ou não, suas impressões acerca do fato narrado.

Compreendendo-se que, torna-se relevante usar as narrativas das memórias dos professores como instrumento para sua formação, pois cabe, aos olhos de muitos estudiosos, o desenvolvimento das reflexões necessárias para melhoramento das ações pedagógicas e didáticas, pois segundo Tardif, “[...] a subjetividade dos professores não se limita apenas a cognição ou a representações mentais, mas engloba toda história de vida, suas experiências familiares e escolares anteriores, sua afetividade e sua emoção, suas crenças e valores pessoais” (TARDIF, 2002, p. 232).

A partir desta concepção é imperativo reconhecer o professor como um sujeito da sua história. Nesse sentido, elimina-se a ideia de que o conhecimento elaborado a partir das suas vivências, os distanciam do conhecimento científico. Nestes termos, Cunha (1997) ressalta:

Não basta dizer que o professor tem de ensinar partindo das experiências do aluno se os programas que pensam sua formação não os colocarem, também, como sujeito de suas próprias histórias. [...] Além disso, a construção da ideia de que o saber cotidiano distancia-se do conhecimento científico, também foi responsável pela não exploração desta histórica como forma de construir informações. (CUNHA, 1997, p. 189)

E mais:

O professor constrói sua performance a partir de inúmeras referências. Entre elas estão a história familiar, sua trajetória escolar e acadêmica, sua convivência com o ambiente de trabalho, sua inserção cultural no tempo e no espaço. Provocar que ele organize narrativas destas referências é fazê-lo viver um processo profundamente pedagógico, onde sua condição existencial é o ponto de partida para a construção do seu desempenho na vida e na profissão. Através da narrativa ele vai descobrindo os significados que tem atribuído aos fatos que viveu e, assim, vai reconstruindo a compreensão que tem de si mesmo. (CUNHA, 1997, p. 189)

Como não é possível lembrar de tudo o tempo todo é necessário que se tenha noção de temporalidade e que esteja situado no espaço para que o ato de recordar e de refletir sobre tais memórias, sejam eficazes, visto que os sentimentos, emoções e ações foram armazenados no interior do sujeito, em um dado momento e lugar. Neste sentido Souza (2004, p. 208), afirma que: “Tempo e memória que possibilitam conexões com as lembranças e os esquecimentos de si, dos lugares, das pessoas, da família, da escola e das dimensões existenciais do sujeito narrador”. Ainda reforça Oliveira (2011), quando afirma:

As representações permeiam o nosso cotidiano, os fenômenos de representação social estão presentes na cultura, nas instituições, nas práticas sociais e conseqüentemente também no contexto escolar, influenciando a conduta dos seus sujeitos sociais no tempo e no espaço. (OLIVEIRA, 2011, p. 59)

Recordar, conseqüentemente, desencadeia uma série de sentimentos, sensações e marcas, que ativam outras memórias, constituindo um efeito cascata, importante na reconstrução das representações e significados, através da sistematização de dados e informações difundidos ao longo do tempo, considerando que o tempo que aconteceram, relativiza seu poder esclarecedor. Neste sentido Bosi (1994) ressalta:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens

e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, tal como foi, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista (BOSI, 1994, p. 55).

A lógica do sistema que rege a sociedade atual tenta envolver o professor em um ciclo de ações sem reflexões, o que muitas vezes, leva o indivíduo à agir pelas concepções alheias, ignorando sua própria identidade, como afirma Cunha, (1997, p. 190) “Acabamos agindo sob o ponto de vista do outro, abrindo mão da nossa própria identidade, da nossa liberdade de ver e agir sobre o mundo, da nossa capacidade de entender e significar por nós mesmos”.

Considerando este cenário, as narrativas de memórias apresentam um elevado potencial para neutralizar esse fenômeno, uma vez que, o propósito é fazer as pessoas descobrirem a si próprias, reconhecer sua identidade e diante dos diversos desafios e na rotina da sua profissão apresentar o seu ponto de vista, adotando iniciativas compatíveis à sua identidade, pois segundo Josso:

Trabalhar as questões da identidade, expressões de nossa existencialidade, [...] permite colocar em evidência a pluralidade, a fragilidade e a mobilidade de nossas identidades ao longo da vida. [...] junta-se a tomada de consciência de que a questão da identidade deve ser concebida como processo permanente de identificação ou de diferenciação, de definição de si mesmo, através da nossa identidade evolutiva, um dos sinais emergentes de fatores socio-culturais visíveis da existencialidade (JOSSO, 2007, p. 416).

É fundamental que aqueles que se propõem analisar as narrativas autobiográficas, compreendam-nas como instrumento emancipatório do professor, dos mais variados seguimentos educacionais e em qualquer fase de sua formação, especialmente porque a estas se acrescentam as suas próprias interpretações, criando um diálogo imprescindível para efetivamente acontecer.

As narrativas autobiográficas se apresentam em uma alternativa eficaz para compreender as memórias do sujeito, justificando as marcas impressas ao longo da vida e que constituem a base para a sua identidade. No caso de formação de professores, essa metodologia vem sendo adotada em cursos de licenciaturas, apresentando resultados satisfatórios, gerando significativas mudanças no caminho formativo, em vista, de proporcionar oportunidades aos graduandos de se reconhecerem, ou não, na docência, além de perceberem, em suas próprias narrativas, significados e representações que foram mais marcantes, em todas as fases de sua escolarização, pois como afirma Mendes, et al:

O processo de identificação com uma trajetória docente é construído ao longo do percurso formativo por meio da memória e das representações que marcam a vivência dos graduandos. O contato com diferentes professores, em todos os níveis de ensino, exercem influência na maneira de se perceber a identidade de um ofício, no caso específico da discussão a ser aqui apreendida, o ofício de ser professor (MENDES et al., 2013, p.1)

As narrativas autobiográficas são a cada dia mais utilizadas pelas licenciaturas, em virtude da importância dessa trajetória na construção de uma identidade docente. Mendes et al salienta que: “Os saberes memória e representações que os alunos das licenciaturas trazem, quando se inserem na realidade de um curso de formação, influenciarão, sobremaneira, a prática pedagógica destes futuros professores” (MENDES et al., 2013, p. 2).

Nesse sentido, Josso (2007) ressalta:

As situações educativas são, desse ponto de vista, um lugar e um tempo em que o sentido das

situações e acontecimentos pessoais, sociais e profissionais pode ser tratado em diferentes registros, a fim de facilitar uma visão de conjunto, de aumento da capacidade de intervenção pertinente na própria existência e de otimizar as transações entre os atores mobilizados pela situação do momento (JOSSO, 2007, p. 416).

Adotar as narrativas como estratégia para a formação de professores, leva, conseqüentemente, a considerar os estudos sobre memória, pois em uma abordagem dessa natureza, a busca de tais estudos, são apreciáveis, uma vez que possibilitam identificar através das narrativas, significados nas trajetórias dos graduandos, como ressaltam Mendes et al (2013, p. 3)

Na busca da compreensão dessa identidade docente consideram-se os estudos que envolve a memória como campos privilegiados, pois possibilitam, por meio das narrativas, identificar os “marcos” nas trajetórias dos sujeitos sociais que, em algum momento de suas vidas, se inseriram em um Curso de Licenciatura, quer por opção, quer por imposição de qualquer natureza (MENDES et al., 2013, p. 3).

Tais narrativas trazem peculiaridades das experiências de vida do sujeito, contudo fazem emergir processos identitários da vida em grupos sociais, pois segundo Halbwachs (1990) “a memória é uma construção social” e aponta para realidade do contexto político, econômico e social em que estão inseridos os sujeitos, nesse caso os professores e demais envolvidos nos ambientes educacionais.

Sousa (2006) aborda que quando os professores narram suas histórias de formação, elas estão fortemente atreladas à família, à escola, aos grupos de convívios e suas falas apresentam seleções, omissões, preferências de determinados aspectos e que delas resultam uma série de questionamentos que vão fazendo ao longo de suas vidas. Neste sentido Cunha (1997, p. 186-187) salienta:

O fato da pessoa descartar situações, suprimir episódios, reforçar influências, negar etapas, lembrar e esquecer, tem muitos significados e estas aparentes contradições podem ser exploradas com fins pedagógicos. Tanto nas situações de ensino como nas pesquisas, é preciso

estar atento a este aspecto. Dependendo dos objetivos do investigador, discutir com os sujeitos das narrativas o perfil de sua narração pode ser um exercício intensamente interessante, capaz de explorar compreensões e sentimentos antes não percebidos, esclarecedores dos fatos investigados (CUNHA, 1997, p. 186-187)

As autobiografias das trajetórias de escolarização, em todos os níveis e práticas do professor em sala de aula representa a possibilidade de produzir um conhecimento mais adequado para compreender pessoas e profissionais. Nesta perspectiva, as narrativas se tornam uma alternativa de formação docente que viabiliza compreender aspectos da vida pessoal, escolar, profissional dos professores e influenciam em sua identidade, como afirma Oliveira (2011):

[...] a formação da identidade docente está condicionada às marcas do processo de escolarização, às influências assimiladas pelo licenciando no decorrer da formação inicial, à vivência do estágio enquanto um momento que marca o fechamento de um ciclo e o início de uma caminhada e às experiências vivenciadas no decorrer do exercício da docência. (OLIVEIRA, 2011, p. 58)

Nesta proposta, o docente é o centro do estudo e dele parte toda a investigação, se tornando o componente norteador do conhecimento a ser produzido, ou seja, significa alocar o docente, em todas as suas dimensões, enquanto pessoa, sujeito social e profissional, considerando seu processo de formação e as questões que se estabelecem em torno deste.

Nesse sentido, as narrativas, ao trabalhar as dimensões pessoais dos sujeitos, valoriza o ponto de vista do docente, ao considerar seus sentimentos, percepções, experiências e significados. Dessa forma, a narrativa pode dar sentido à experiência dos professores, de modo que “[...] a narrativa surge como a metodologia mais adequada à compreensão dos aspectos contextuais, específicos e

complexos dos processos educativos e dos comportamentos e decisões dos professores [...]” (REIS, 2008, p. 23).

Tornar-se professor não é um caminho previsível, pelo contrário, é um processo longo, complexo e que oferece diversos desafios para chegar a uma profissionalização. Um caminho construído por momentos significativos da vida, com diferentes manifestações pessoais e profissionais que reivindicam apoio para este profissional. Tais considerações demonstram a importância de pensar estratégias que consigam minimizar os percalços desta profissão.

3. Considerações finais

Além das dificuldades inerentes ao trabalho em sala de aula, o professor ainda enfrenta muitos obstáculos referentes à conjuntura da educação no Brasil, que se apresenta desfavorável à formação do profissional, uma vez que, esta não pode ser dissociada dos problemas que envolvem condições de trabalho, questões salariais, jornada, entre outros. Essa realidade impossibilita uma formação com qualidade, pois age como fator de desestímulo à procura por meios de uma formação contínua e à dedicação aos estudos.

Considerar as narrativas autobiográficas nos estudos sobre formação docente é possibilitar sua própria intervenção na construção de sua concepção pedagógica, sendo assim um construtor do saber e não apenas mais um elemento dentro do processo de educação. Dessa forma, as narrativas tornaram-se um instrumento peculiar para repensar a formação docente. Ela é um recurso que converge para a escrita de outra história da formação dos professores. Por isso há de se olhar também o conhecimento das vivências, dos acontecimentos que não foram narrados e ou compartilhados. O professor é o principal testemunho da sua formação e prática, sem dúvida nenhuma é ele quem constrói e reconstrói a sua própria história, da história da educação e da construção de uma nova estrutura da experiência por meio da memória.

Referências

- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- BRANDÃO, Vera Maria Antonieta Tordino. Memória (auto) biográfica como prática de formação. **Revista @ambienteeducação**, volume 1, número 1, Jan/Julho 2008. Disponível em: http://www.cidadesp.edu.br/old/revista_educacao/index.html. Acesso em 20 de julho de 2017
- BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**. [Online]. 2002, vol.28, n.1, pp.11-30. ISSN 1517-9702. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11653.pdf>. Acessado em 20 de Julho, 2017
- CARVALHO, Gislene T. R. D; UTUARI, Solange. **Formação de Professores e Estágios Supervisionados: Relatos, Reflexões e Percursos**. São Paulo: Andross, 2006.
- CASTRO, Alda Maria D. A.; LAUANDE, Maria de Fátima R. F. **Formação de professores da educação básica em nível superior: uma exigência da sociedade da comunicação e da informação**. In: CHAVES, V. J. et al (orgs). Políticas da educação superior no Brasil: velhos temas e novos desafios. São Paulo: Xamã, 2009.
- CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora! As narrativas como alternativa pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, 23(1-2). São Paulo: Disponível em: <http://www.revista.usp.br/rfe/article/view/59596/62695>. Acessado em: 06 de julho de 2017
- GARCIA, C. M. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Trad. Isabel Narciso. Porto: Porto Editora. 1999.
- GATTI, B. A formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educação e sociedade**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out.-dez. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em 28/01/2016.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990
- JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. In: **Educação**. Porto Alegre, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em http://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf. Acessado em: 6 de agosto de 2017
- MENDES, G. F et al. Memórias e narrativas autobiográficas na Prática de Ensino de Geografia. Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia. **Anais**. João Pessoa. UFPB, 2013.
- NÓVOA, Antonio. **Os professores e as histórias da sua vida**. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.) Vidas de professores. Porto: Porto, Editora, 1992.
- OCHOA, M. M. Los estudios sobre La memoria y los usos del pasado: perspectivas teóricas y metodológicas. In: **Cuadernos de Ciencias Sociales**, Costa Rica de la Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales. Primera edición: febrero 2005.
- OLIVEIRA, Sandra Mara Vieira. Formação da identidade docente: estágio supervisionado, memórias e representações sociais. 2011. 156f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-graduação em Educação, Pró-reitora de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, Aracaju.
- PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de Professores: identidade e saberes da docência**. In: PIMENTA, Selma Garrido (Org.). Saberes pedagógicos e atividade docente. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 15-34.
- REIS, P. R. As narrativas na formação de professores e na investigação em educação. **Nuances: Estudos sobre Educação**, 15(16), 17-34, 2008. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/174>. Acessado em: 15 de julho, 2017
- SAVIANI, Demerval. **A política educacional no Brasil**. In: STPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (Org.). História e memória da educação no Brasil, 2. ed. vol.III: SÉCULO XXI. Petrópolis: Vozes, 2005.
- SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**. v. 14 n. 40 jan./abr. 2009. Disponível em: <http://poseducacaoifbaiano.com.br/wp-content/uploads/2014/11/Forma%C3%A7%C3%A3o-de-professores-aspectos-hist%C3%B3ricos-e-te%C3%B3ricos-do-problema-no-contexto-brasileiro.pdf>. Acessado em 3 de julho, 2017
- SOUSA, C.P de. (2006). **Narrativas autobiográficas em perspectiva comparada: histórias de formação de professores universitários**. In: Souza, E.C. e Abrahão, M.H.M.B. (Org.) Tempos, narrativas e ficções: A invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS. 357p.
- TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, p. 61-88, maio/ago. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a05>. Acessado em 22 de julho, 2017
- TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

Recebido em 28 de outubro de 2017.

Aceito em 23 de dezembro de 2017.